



# **RELAÇÕES E ARTICULAÇÕES ENTRE O CINEMA NOVO DE GLAUBER ROCHA E A GEOGRAFIA DA FOME DE JOSUÉ DE CASTRO. UMA DISCUSSÃO SOBRE A GEOGRAFIA DO SUBDESENVOLVIMENTO**

**Palavras-Chave: CINEMA NOVO, GEOGRAFIA DA FOME, SUBDESENVOLVIMENTO**

**Autores:**

**LUCAS COSTA ANDRÉ (IG-UNICAMP)**

**Prof. Dr. ANTONIO CARLOS VITTE (orientador) (DGEO/IG-UNICAMP)**

---

## **INTRODUÇÃO:**

Esta pesquisa buscou esboçar possíveis conexões e interações entre dois campos distintos do conhecimento que usualmente não se conectam, a Arte e a Ciência, mais precisamente o Cinema e a Geografia, através de intelectuais de destaque em cada um deles: Glauber Rocha, o maior expoente e precursor do movimento cinematográfico de vanguarda Cinema Novo, e Josué de Castro, médico sanitário e autor de uma das maiores obras primas do campo da geografia brasileira, “Geografia da Fome”. Tais escolhas têm sua razão no fato de que ambos pensadores tiveram a fome, maior expressão do fenômeno do subdesenvolvimento, como foco de suas produções.

No que diz respeito ao cinema, acreditamos que o movimento intelectual, cultural, político e genuinamente brasileiro liderado por Glauber de Andrade Rocha (1939-1981) tem muito a dizer do país e de seu contexto, e apresenta um grande dialogismo com estudos do cânone universitário, pois como argumenta Furtado (1985) sobre o cinema: “essa arte mais do que qualquer outra se cola ao seu próprio tempo.” (p. 28).

Além disso, o crítico e cineasta baiano foi um grande pensador que apesar de muitas influências nacionais e estrangeiras, foi muito original ao pensar questões como a relação homem-terra, o que é ser brasileiro, e em suas leituras sobre a miséria do Brasil. Além de ter denunciado abertamente o imperialismo estadunidense e a ditadura militar brasileira. Tudo isso por meio da potência das imagens em movimento. Outrossim, o Cinema Novo em si caracteriza-se como um instrumento de análise praticamente inédito na ciência geográfica, apesar do audiovisual e da cinematografia serem instrumentos de análise já familiares nesse campo do conhecimento, especialmente nas Geografias Culturais e Humanistas.

No que diz respeito à geografia, demos destaque ao pernambucano Josué Apolônio de Castro (1908-1973), médico sanitário e pioneiro da nutrição no Brasil, referência mundial no

estudo da fome e que foi um grande intelectual que defendeu o método geográfico enquanto o único método científico que poderia analisar a fome em suas múltiplas facetas, devido ao aspecto holístico da ciência geográfica.

Dentre as tradições de pesquisa com cinema na geografia, este estudo pretendeu trabalhar com os aspectos simbólicos do cinema, mais precisamente o simbolismo do Cinema Novo em meio ao contexto em que surgiu e as teses que criou quanto à fome e ao subdesenvolvimento brasileiro, fenômenos centrais também nas produções de Josué de Castro, que se utilizou do método geográfico como ferramenta de análise.

Dessa forma, nos valem de uma articulação teórico-qualitativa com caráter bibliográfico, neste primeiro momento, entre os discursos, interpretações e representações acerca do subdesenvolvimento e da fome brasileira, pano de fundo da pesquisa, no Cinema Novo e na obra “Geografia da Fome”, produções correlacionadas no tempo e imbricadas na política, na cultura e nos aspectos sociais do período em foco. Algumas questões que moveram esta investigação foram: “qual o papel do cinema num país subdesenvolvido?”, “qual foi o papel do Cinema Novo na denúncia da fome?” e “quais suas relações com a obra ‘Geografia da Fome’?”.

## **DISCUSSÃO:**

Segundo Moreira (2009), o centro das relações internacionais sofre a partir da década de 1950 uma grande mudança com a transformação da indústria em um sistema mundial. Passa a haver a incorporação dos espaços mundiais através dos hábitos de consumo de bens de fabricação industrial, ao invés de um expansionismo baseado no domínio das fontes brutas de recursos naturais como no período anterior às guerras mundiais. À medida que os diferentes espaços mundiais foram adquirindo maior unidade pela articulação do sistema capitalista, o conhecimento dos valores culturais dos diferentes territórios e povos foi se tornando a matéria-prima principal dessa nova forma de expansão.

Como defendeu Benjamin (2015), toda essa transformação no campo da cultura em razão da facilidade de reprodução técnica provocou uma crise da estética e uma alteração epistemológica no entendimento de arte – reduto do advento do cinema. Além disso, evidencia a centralidade conferida às imagens como produtoras de conhecimento e de subjetividades, visto que a dimensão visual da cultura passa a ter um grande destaque no entendimento das sociedades desde então.

Dentre as diversas formas de arte, o cinema foi um grande denunciante do subdesenvolvimento, sendo o Cinema Novo seu maior denunciante em território nacional. Como pontua Ramos (2000), Glauber Rocha em seu manifesto intitulado “Uma Estética da fome” – apresentado na Itália em 1965, um ano após a exibição de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, criticou a representação idealizada da miséria e propôs agressividade como forma estética para significar a realidade da fome, visto que considerava que a violência era o elemento que forjava o território nacional. Deste modo, passou a deslocar a temática do universo cinematográfico clássico para

manifestá-la por meio de uma linguagem própria que provocava o incômodo e a desalienação do espectador.

Para Glauber, a originalidade do Cinema Novo era justamente a fome e seu alto nível de compromisso com a verdade, com o “miserabilismo” brasileiro (ROCHA, 2013), o que tem enorme conexão com Josué, que considerava a fome enquanto o próprio processo de desenvolvimento brasileiro (MAGALHÃES, 1997). Pode-se dizer então, atentando-se para possíveis anacronismos, que os dois intelectuais consideravam o que dissesse respeito ao “Brasil profundo” – Nordeste (principal territorialidade das produções de ambos) e Amazônia, e não as visões hegemônicas que legitimavam São Paulo como o centro industrial, e Rio de Janeiro como o centro cosmopolita e propagavam esses dois estados como se fossem a totalidade da nação à época, escamoteando a diferenciação regional premente.

Assim como Josué, Glauber também pontuava o processo histórico e socioeconômico de formação do território brasileiro como causa fundante do subdesenvolvimento nacional, uma visão estrutural e sociológica do fenômeno como vimos no primeiro capítulo. Dessa maneira, fornecem acentuado destaque ao processo de colonização pelo qual o Brasil foi submetido, e por isso compartilham da opinião de que os EUA e as potências europeias em seus projetos de dominação imperialista são os maiores inimigos dos países pobres e subdesenvolvidos.

Todos esses aspectos e o que objetivava o movimento do Cinema Novo dialogam diretamente com o que aponta mais recentemente Moraes (2000, p. 16), através da geografia, sobre a condição brasileira na escala-mundo ao longo de toda sua história:

“A condição periférica marca profundamente a história brasileira em todas as suas dimensões. Seja no plano econômico, político ou cultural observa-se características advindas de tal condição, que melhor se traduz na periódica necessidade de ajustes internos para adequar o país a padrões e ritmos desenvolvidos no centro da economia-mundo capitalista. Esse caráter reativo manifesta-se como condicionante histórico também no campo das ideias e mentalidades, gerando uma cultura erudita que tem seus estilos e conteúdos definidos no exterior. A busca de legitimação pela adoção de modelos gerados noutros contextos ocasiona certo descolamento entre o mundo das ideias e a vida prática brasileiras (...) enfim, a cada onda modernizante no país corresponde a importação de novas teorias do centro pela intelectualidade mimética da periferia, que nesse processo realiza também o seu ajuste de mentalidade.”

Apesar das inúmeras relações e interações que podem ser estabelecidas entre as produções de Glauber e Josué, há muitas diferenças que merecem relevo, sobretudo, políticas e filosóficas. Josué tem seu pensamento muito marcado pela perspectiva nacional desenvolvimentista de sua época, tendo chegado inclusive a apoiar os governos de Getúlio Vargas e posteriormente de Juscelino Kubitschek, o que de acordo com Magalhães (1997) é evidenciado em “Geografia da Fome” e pela sua entrada na política partidária em 1950, candidatando-se a deputado federal pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) em Pernambuco. A radicalização e até mesmo lutas sociais são recusadas pelo autor. A mudança seria guiada por valores humanitários e distantes das “disputas

ideológicas e culturais”. A solução do atraso brasileiro viria da transformação da consciência das pessoas. (MAGALHÃES, 1997).

Já Glauber parece bastante radical. Primeiramente, não se dizia intelectual, pois achava que a prática e a figura do intelectual tinham toda uma mistificação, um "ar" burguês, que faltava prática revolucionária em conjunto com a coletividade. (ROCHA, 2002). De qualquer modo, em seu pioneirismo, podemos dizer que o cineasta baiano antecipou em suas teses o que temos hoje em dia enquanto uma teoria crítica ou de(s)colonial brasileira ou latino-americana.

A América Latina tem um papel muito importante em suas produções, Glauber ressalta uma proposta internacional do movimento do Cinema Novo, que se espalhasse entre os países latino-americanos. Ambicionava um “Cinema Latino-americano” e apostava que esse seria um fenômeno novo e algo muito importante do ponto de vista político, pois seria o primeiro movimento artístico de unificação cultural/política na América Latina, fortalecendo o mercado latino-americano e livrando-o da ocupação norte-americana, o que estava intimamente ligado a libertação econômica geral dos povos. (ROCHA, 2002).

No que concerne seu modo de pensar, Glauber considerava que toda universalização não passa de um sonho frustrado, “ideal adolescente”, que repete mais do mesmo e leva à esterilidade. Quanto ao humanismo ou “humanitarismo”, como se referia, seria uma espécie de paternalismo e método de compreensão do colonizador para com o colonizado. A fome estaria enraizada na própria “incivilização”. Quanto à política partidária, não a via como um meio benéfico ou capaz de superação da fome, o que enfatiza em seu manifesto ao dizer que “a fome não será curada pelos planos de gabinete.” (ROCHA, 2013, p. 3).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Acreditamos que essa pesquisa abre caminhos para inúmeras outras investigações que podem se desdobrar a partir dos mesmos objetos de análise, o Cinema Novo e a Geografia da Fome. Investigações que visem pensar como o cinema pensa o território, como os filmes influenciam na criação de novas geografias, como a cultura e a identidade participam da construção material da realidade, para citar algumas.

Consideramos que o campo cinematográfico é transversal, converge diversas ciências e saberes, articulando diversos conceitos plurais, sendo o Cinema Novo um movimento que confere uma complexificação à temática da fome, em particular, e à geografia, no geral, com suas leituras e interpretações do território.

Apesar do conhecimento produzido pelo movimento do Cinema Novo não se configurar como um saber estritamente popular, tampouco é um saber erudito, registrado por padrões hegemônicos ou normas que legitimam e qualificam suas produções. Nesta esteira, concordamos com Moraes (2000) quando afirma que discutir o discurso geográfico enquanto ciência é restritivo, não considera o que ele chama de “as geografias espontâneas do cotidiano”, como os mitos, os saberes populares, as produções artísticas ou os filmes, no caso dessa pesquisa.

Consideramos a cinematografia como uma totalidade em aberto, capaz de criar novos significados e interpretações à realidade de forma crítica e engajada, como o fez o movimento cinemanovista. Assim, uma obra cinematográfica pode proporcionar reflexões sobre o mundo e a sociedade, funcionando como um instrumento hermenêutico, que possui uma maneira própria de pensar pelas imagens em movimento juntamente aos sons.

Dessa maneira, foi crucial abordar o papel pioneiro do Cinema Novo (como um todo) na denúncia do subdesenvolvimento e na formação de um pensamento político, ético, artístico e cinematográfico “desde baixo”, do “Sul global”, “de(s)colonial”, assim como fizeram outros movimentos artísticos brasileiros à época, para pensarmos nas possíveis reverberações que possam ter na geografia, através de uma maior radicalidade.

---

## BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Organização e apresentação Márcio Seligmann-Silva. Tradução Gabriel Valladão Silva. - 1. ed. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome – O dilema brasileiro: pão ou aço**. [1946] Clássicos das Ciências Sociais no Brasil. Rio de Janeiro: 10ª edição revista Antares, 1984.

FURTADO, Celso. **A Fantasia Organizada**. Coleção Estudos brasileiros; v. 89. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LACOSTE, Yves. **Geografia do Subdesenvolvimento**. (Tradução de T. Santos do original francês “Géographie du sous-développement”), Rio de Janeiro - São Paulo: 5ª edição DIFEL, 1978.

MAGALHÃES, Rosana. **Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. ISBN 978-85-7541-396-8. Available from SciELO Books.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia, História e História da Geografia. **Terra Brasilis** [Online], 2 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado em 21 abril 2020. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/319>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.319>

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 2ª edição, Coleção Primeiros Passos, editora brasiliense. 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. “Breve panorama do Cinema Novo”. **Revista Olhar**, ano 02, n. 4, dezembro, 2000. Disponível em: [http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar4/Fernao\\_Ramos.pdf](http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar4/Fernao_Ramos.pdf).

ROCHA, Eryk. **Rocha que voa**. Direção de Eryk Rocha. Rio de Janeiro: Grupo Novo de Cinema e TV, 2002, (94 min). Documentário disponível na mostra Retrospectiva: os primeiros premiados do festival “É tudo verdade”, Itaú Cultural, acessado em: março, 2020.

ROCHA, Glauber. Eztetyka da Fome. [1965]. **hambre**, sep. 2013. Disponível em: [http://www.tempoglauber.com.br/t\\_estetica.html](http://www.tempoglauber.com.br/t_estetica.html). Acessado em: 05 jul. 2021.